Universidade do Rio de Janeiro
UNIRIO

UNIRIO
Biblioteca

Banco de Peças Teatrais

Nº 2290 ex:3

Autor:

Plínio Marcos

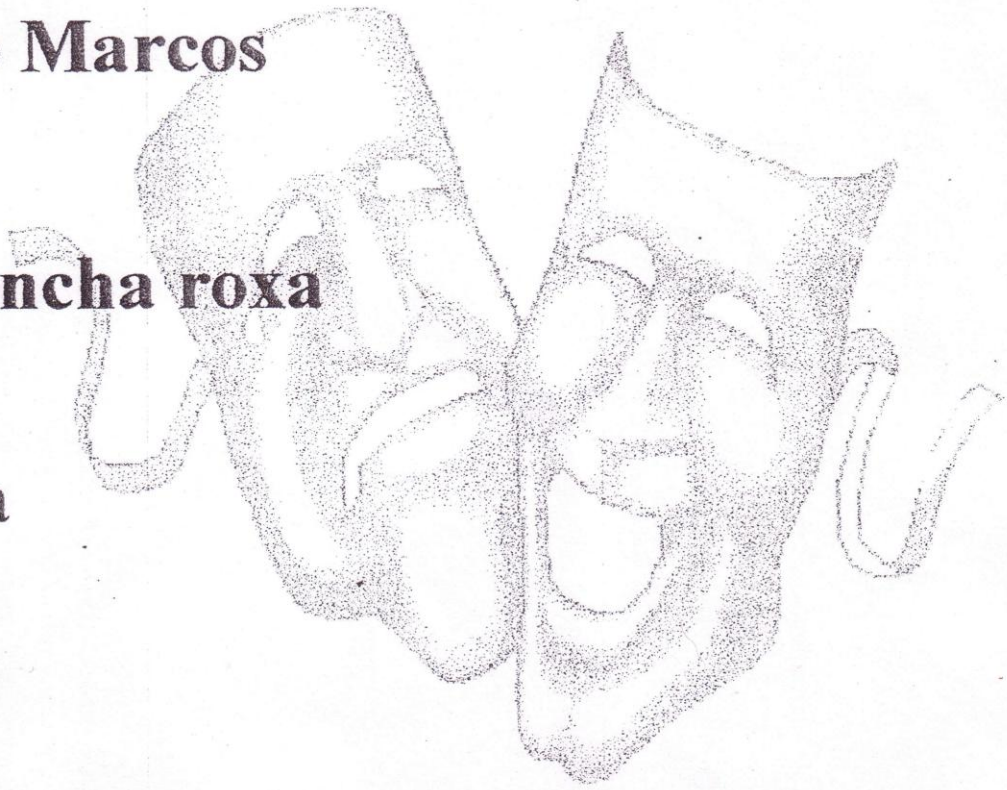
Título:

A Mancha roxa

Gênero:

Drama

Tradução:



Modernização do acervo

Texto digitado por Malke Adler

Rio de Janeiro, dezembro de 2002

2290 ex: 3

A Mancha Roxa

Plínio Marcos

Drama em 1 ato

Personagens

Anta

Professora

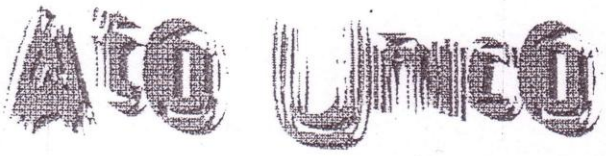
Doutor

Isa

Tita

Linda

Grelão



É noite. O silêncio é quebrado apenas pelos murmúrios de Santa, lendo a Bíblia. Ela está isolada num canto.

SANTA - Então falou Jesus à multidão e aos seus discípulos, dizendo: Na cadeira de Moisés estão assentados os escribas e fariseus. Observai e praticai tudo o que vos disseram. Mas não procedais em conformidade com as suas ações. Porque dizem e não praticam. Pois atam fardos pesados e dificeis de suportar e os põem nos ombros dos homens. Eles, porém, nem com um dedo querem movê-los.

(ENQUANTO SANTA VAI LENDO A BÍBLIA, NO MEIO DO PALCO AS OUTRAS PRESAS, SILENCIOSAS PORÉM ANSIOSAS, ESPERAM A VEZ DA DOUTORA LHES APLICAR UMA DOSE DE DROGA. O PICO. DE VEZ EM QUANDO, ISA TOSSE. DEPOIS QUE RECEBE A PICADA, A PROFESSORA VAI PRA JANELA. A OPERAÇÃO PICADA PROSSEGUE. A LEITURA DE SANTA VIRA UM MURMÚRIO QUE NÃO DÁ PRA OUVIR AS PALAVRAS. PROFESSORA, NA JANELA, CANTA)

PROFESSORA - (CANTANDO)
Muitas mulheres
Roxas
Sem olhos
Sem dentes
Sem bocas
Descaradas
As sem-cara
Ficam pasmadas
Diante do espelho
Sem reflexo
Onde o tempo
Frio
Escoa
No relógio sem ponteiro.
Muitas mulheres roxas
Seus amores
Seus pecados
Seus desenganos
O resultado
a mancha roxa.

Essa é a história
Sina
Condenação
De muitas mulheres
Roxas.

QUANDO A DOUTORA AMARRA A BORRACHA NO BRAÇO DE ISA, VÊ UMA MANCHA ROXA)

DOUTOR - (GRITANDO) Roxa! A mancha roxa! (PAUSA. TODAS FICAM DE PÉ, TENSAS)

SANTA - (CRESCENDO A LEITURA DA BÍBLIA) - ... portanto, se teu olho direito é causa de escândalo, arranca-o e atira-o pra longe de ti...

DOUTOR - O que é isso?

TODAS - O quê? O quê?

DOUTOR - A mancha roxa. A roxa.

TODAS - Onde? Mas onde?

DOUTOR - No braço de Isa.

ISA - (NERVOSA, AGRESSIVA) - Roxa? Onde roxa? Que roxa? Onde tu viu roxa? O teu cu é que roxo.

TODAS - (PERPLEXAS) Roxa. Porra, roxa. Mancha roxa. Entre nós? A roxa. (PAUSA)

DOUTOR - É. A mancha roxa. Não adianta mentir. Apareceu a mancha roxa. No braço da Isa.

PROFESSORA - Tá fudida.

TITA - Antes ela do que eu.

DOUTOR - Se deu numa... estamos todas fudidas.

TODAS - (AFLITAS) – Roxa. Roxa. Roxa. Meu Deus. A roxa entre nós. A roxa.

(UMA CHORA, OUTRA LAMENTA, OUTRA PRAGUEJA. TODAS SE EXAMINAM)

Não tenho nada.
Nem eu.
Tou limpa.

DOUTOR - Calma, gente. Não adianta desespero.

TITA - O que podemos fazer?

PROFESSORA - É, o que podemos fazer?

LINDA - O que podemos fazer?

DOUTOR - Sei lá o que podemos fazer! O que sei é que isso pega.

TODAS - Pega. Pega. Pega.

DOUTOR - (PAUSADA) Pelo sangue. Pela porra. Pela merda.

PROFESSORA - (PAUSADA) Pelo sangue. Pela porra. Pela merda.

TITA - (PAUSADA) Pelo sangue. Pela porra. Pela merda.

LINDA - (PAUSADA) Pelo sangue. Pela porra. Pela merda.
(PAUSA)

ISA - (OLHANDO O PRÓPRIO BRAÇO) Não é roxa. Olha aqui. Olha. Olha bem. Não é roxa.

DOUTOR - Roxa. Roxa. Roxa mesmo.

LINDA - (NERVOSA) Pensa bem no que tu tá dizendo. Tu sabe bem o que diz, Doutor? Vê lá. Essa coisa não é brinquedo. Uma calúnia dessa é foda. Olha bem. É roxa? A Isa diz que não é roxa. (PEGA O BRAÇO DA ISA) Vê bem. É roxa? Pra mim isso é sangue pisado. É noite... Essa luz... luz fraca...de noite... amarelada... no escuro... dá roxo. Tá escuro...Vê direito.

PROFESSORA - Noite, todos os gatos são iguais. Esse papo dos gatos pardos. Voz do povo. Voz de Deus. Olha bem. Vê direito.

TITA - É, confere. Confere. Só fala na certeza, Doutor.

PROFESSORA - Isso tem muito que ver com a cabeça da gente. Anda todo mundo apavorado com a roxa. O medo faz a gente ver coisas.

DOUTOR - Eu também queria que fosse engano. Mas não é.

TITA - Mas tu tem certeza? É roxa mesmo? Com certeza?

DOUTOR - Pode pôr todas as fichas. Aposta na roxa que tu ganha.

TITA - Tu é foda, Doutor. Não alivia mesmo. Não dá um desconto.

DOUTOR - Eu também queria estar enganada, Titinha. Não é por gosto que estou entregando a Isa. É meu dever.

TITA - Dever de quê?

DOUTOR - De enfermeira, porra. Sou enfermeira formada. Tou aqui... tou nessa... mas sou enfermeira.

LINDA - Enfermeira que roubava droga no hospital pra dar pra uma cadelinha chegada no pico. Puta enfermeira. Agora faz esse tremendo carnaval por uma mancha que não é roxa, que não viu direito.

DOUTOR - Vai pra puta que pariu, Linda. Vai pra puta que pariu. Uma coisa não tem que ver com a outra. Eu pegava droga no hospital, pegava mesmo. Isso porque a minha garotinha só transava legal na cama com as coisas em cima. Mas aqui a conversa é outra. A Isa tá com a roxa. Tá com a roxa. É meu dever avisar. Não sei o que se pode fazer, mas ficamos sabendo que a mancha roxa tá aí mesmo. Eu estou aqui no meio como todas. E a roxa no braço da Isa, e a Isa aí. E eu, o que ganho mentindo?

LINDA - No braço. No braço uma mancha roxa pode ser uma porção de coisa.

DOUTOR - Pode. Pode sim. Só que essa no braço da Isa é a roxa. A própria.

TITA - No braço? Pode ser que a Linda ontem beliscou a cadelinha. Pode ser isso. Essa roçadeira é toda ciumenta. Foi isso. Só pode ser isso. Olha aí. Vê se não tem marca de unha da Linda no braço da Isa. Examina. A greluda aí é violenta. É nervosa. Belisca. Bate na cadelinha a toda hora.

ISA - Isso, foi isso. Só pode ter sido isso. Por quê, meu Deus? Por que a roxa ia aparecer logo em mim? Logo em mim?

PROFESSORA - Mas tem essa tua tosse.

ISA - Que tosse?

PROFESSORA - Que tosse? A tosse que tu tosse.

ISA - É... é... do cigarro.

PROFESSORA - E essa febre? Essa tua febre que não passa nunca. Nunca. Tu tá sempre ardendo de febre.

ISA - Vai tomar no teu cu, Professora. Vai me perturbar a idéia, tu também? Sem essa.

PROFESSORA - Explica a febre, cadelinha.

TITA - A febre, a tosse. E tem também tua caganeira. Tu caga como se tivesse cu arrombado. Se explica, anda.

ISA - Explico nada. Tenho que explicar nada pra ninguém. Nem pra Linda que me roça eu explico. Vou explicar o quê? Quero que tu e ela vão se fuder.

TITA - Tá folgada, cadelinha. Folgada demais. Só que tu vai explicar. A tosse, a febre e a caganeira. E o sangue.

ISA - Sangue? Que sangue?

PROFESSORA - Sangue? Que sangue é esse que não fiquei sabendo?

TITA - O sangue que essa cadelinha escarrou na privada.

ISA - Pura! Puta nojenta! Vai inventar agora?

TITA - Vai te fuder, cadela! Tu vai negar que escarrou sangue na latrina? Nega! Nega! Te dou um bumba no peito e tu vai escarrar sangue até teu cu criar bico.

ISA - Aquele sangue era do dente. Do dente... Eu cutuquei e sangrou.

(TITA DÁ UM PONTAPÉ NA ISA)

TITA - Tu pegou a roxa, cadelinha filha da puta!

LINDA - Vai devagar com o andor, Tita, Nem tu, nem ninguém vai bater na Isa. Falou com ela, falou comigo. Tu sabe. Tu sabe. E é bom te cuidar.

TITA - Vai te fuder tu também! Não vem de maria-macho pra cima de mim. Tás pensando que fala grosso e eu aceito a sugesta? Vai te fuder. A cadelinha pegou a roxa. Tá podre. E se passar pra mim, vou apagar ela, tá?

PROFESSORA - (CONCILIANDO) Espera aí, gente. Não vamos endoidar. Pode ser que a Doutor picou a Isa num vaso sangüíneo em vez de picar na veia. Às vezes isso acontece. Não acontece, Doutor?

DOUTOR - Às vezes.

PROFESSORA - Então, pode ser isso. O braço fica roxo quando pega vaso sangüíneo. Aparece uma mancha roxa.

ISA - (NERVOSA, ANIMADA) É, foi isso. Foi isso.

LINDA - Foi isso mesmo. Foi isso. Claro que só pode ter sido isso. Graças a Deus foi isso. A Doutor picou a Isinha num vaso sangüíneo. (RI NERVOSA) Tu me deve mais essa, Doutor. Não esqueça. Tá na tua conta. Na hora boa tem acerto. (RI) Tu queria me enlouquecer. (RI NERVOSA)

DOUTOR - Não foi, Linda. Não te devo porra nenhuma. Essa mancha roxa é a própria roxa. Não dá pra inventar desculpa. Picada no vaso sangüíneo, beliscão... não dá febre, não dá tosse, não dá caganeira, nem faz cuspir sangue. Se eu tivesse picado a Isa fora da veia, ela não tinha ficado no embalo.

(PAUSA. PAVOR TOTAL NA CARA DE TODAS)

SANTA - (LENDO A BÍBLIA) Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar; mas o que sai dele, isso sim, é o que contamina o homem. Interrogado, Jesus explicou para os discípulos: O que sai do homem, isso contamina o homem. Porque do interior do coração do homem é que saem os maus pensamentos, os adultérios, as prostituições, os homicídios, os furtos, a avareza, as maldades, o engano, a dissolução, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Todos esses males procedem de dentro e contaminam o homem.

LINDA - (MEIO PRA SI, MEIO PARA AS OUTRAS) Não, não acredito mesmo que a Isa está com a roxa.

DOUTOR - (INDIFERENTE) Tu não acredita? Problema teu. Fiz minha parte. Avisei.

LINDA - (AMEAÇADORA, CONTIDA) Eu conheço gente da tua laia. Só conheço. Tu baba de tesão na Isa, tu é toda tesão por ela. Mas tá sabendo que se crescer pro lado dela, eu te mato. Mato mesmo. Já matei uma e não custa matar outra. Se tenho que ir pro inferno por matar uma, vou por matar duas, três, quatro. Tanto faz. Já te contei meu caso. Mas conto de novo. Uma filha da puta se engraçou com uma cadelinha que era minha. Só pra encurtar o papa: matei ela. Matei. Matei. E não estou arrependida. Não sou que nem a Professora e menos ainda como aquela ali, que só reza pra ver se esquece que matou o marido. Então, já sabe. Se ficar muito espaçosa pro lado da Isa, morre. Tu ou qualquer outra. Te saco. Quando estou muito na minha com a Isinha, tu fica se punhetando toda, esfregando o bucetão fedido. Vagabunda. Cachorrona. Por inveja, despeito de enjeitada, tu inventou essa mancha roxa no braço da Isa.

DOUTOR - Inventei, porra nenhuma! A mancha está no braço dela pra quem quiser ver. É só olhar.

LINDA - (FURIOSA) Inventou! Inventou, sim! Isso é um pico fora da veia. Sujeita tua. Armação de cachorrona. Mete agulha fora da veia de Isa, ela fica em falta, na aflição te procura. Aí, tu faz trato com a bucetinha dela. Tu sabe que ela é dependente. Tu sabe que ela está presa porque era mula de traficante, levava o bagulho pros bacanas a troco de uma dose. Tu sabe que ela, por um pico, faz qualquer negócio. Mas se tu chegar na Isa, te mato. Te mato. E pode ser já. (LINDA SE PEITA COM A DOUTOR)

DOUTOR - (CONTENDO A RAIVA) E a tosse? E a febre? E a caganeira? E o sangue na latrina? (PAUSA) Fui eu que inventei? Responde, sua filha da puta! Explica! A tosse, a febre, a caganeira, o sangue na latrina. Explica!

LINDA - (RECUANDO, ENCABULADA) Tudo mentira. É mentira. Eu não acredito. A Isa é limpa. Não tem nada. Tu sabe que a Isa tá limpa. Tu sabe, Professora. Tu também sabe, Titinha. Isso é sacanagem. Armação de cachorrona.

DOUTOR - Tu vai ver se é armação Vem cá, Isa. (DOUTOR PUXA A ISA E, ANTES QUE ALGUÉM POSSA DEFENDER A MENINA, DOUTOR RASGA-LHE A ROUPA. SALTAM OS SEIOS. TÊM MANCHAS ROXAS) Olha aí, Linda!

LINDA - (NERVOSA) Isso é chupão! É chupão! Vai me enganar que tu... (RI) logo tu, não sabe que isso é de chupão? A teta fica fixa de ser chupada. Quem não sabe? Quem não sabe? Eu chupo a Isa. Chupo muito. As tetas dela estão até caídas de tanto que eu chupo ela. Esse roxo é de chupão, não é da mancha roxa.

TITA - (DANDO OUTRO TAPA NA ISA) Cadelinha nojenta! Tá podre e ficou quieta. Não falou que estava com a roxa. Sem-vergonha!

LINDA - Não toca nela, Tita. Não toca nela. Já te avisei. E acho bom tu botar fé no que te digo.

TITA - Vai pra puta que te pariu. Tás pensando que tá falando com alguma bunda-mole? Tu pensa que eu acredito que tu mata, faz e acontece? Tu matou uma greluda igual a ti. Mas eu sou mulher de homem. Eu te arrebento todinha se tu correr dentro de mim. E já fica sabendo: se essa cadelinha tiver mesmo com a roxa, vamos encharcar ela de álcool e tocar fogo. Vamos desinfetar o ambiente. Álcool e fogo matam qualquer bicho. Até o de praga roxa. E tu que gosta dela, aproveita e come churrasco de cadela. (ABRE A NAVALHA) Quem se doer por ela vai ser lenha da fogueira. (PAUSA)

LINDA - Mas que é que há, Tita? Porra, Titinha. Sou tua amiga. A Isa, eu. Porra, Tita, tu ficou louca?

TITA - Essa praga pega, Linda. Pelo sangue, pela porra, pela merda.

PROFESSORA - (PAUSADA) Pelo sangue, pela porra, pela merda.

DOUTOR - (PAUSADA) Pelo sangue, pela porra, pela merda.

LINDA - Ficaram loucas? Estão todas loucas. Se a Isa pegou a mancha roxa... eu que chupo ela, eu que roço ela, eu que... fodo ela... então eu... eu...

TITA - Tu deve ter a roxa até na alma.

LINDA - Vai te fuder! Eu não tenho nada.

DOUTOR - Tem. Tem, sim, Linda. Olha a Isa. Tá roxa. Cheia de manchas roxas. Olha no braço. No peito. Nas costas. (VAI VIRANDO A ISA) Na bunda, na coxa, na perna. É toda roxa.

(TODAS COMEÇAM A FALAR JUNTAS. LINDA ATACA O DOUTOR. AS DUAS LUTAM FURIOSAS. EXPLODE MÚSICA ALUCINADA. AS MULHERES, EM DESESPERO, CORREM PRA LÁ E PRA CÁ. VIRA UM BALÉ COREOGRAFADO. DE REPENTE, COMO COMEÇOU, TUDO PÁRA. O SILÊNCIO É TOTAL. O PAVOR ESTÁ ESTAMPADO EM CADA ROSTO. SANTA , COM A BÍBLIA NA MÃO, ESPIA APAVORADA. ISA ESTÁ EM PÉ, NUA, NO MEIO DO PALCO. DE VEZ EM QUANDO, SOLUÇA. PROFESSORA, QUE ESTÁ CAÍDA NO CHÃO, CANTA).

PROFESSORA - (CANTA)
Muitas mulheres
Roxas
Marcadas
Roxas
Nuas, no relento
Buscam alento
Na esquina
Gelada
Na quina do braço
Na veia
Gelada
O branco
Brilho, sonho, asa
Essa é a história
A sina
A condenação
De muitas mulheres
Roxas.

(PROFESSORA CHORA)

SANTA - (LENDO A BÍBLIA) Uma mulher, que tinha um fluxo de sangue há doze anos e nenhum médico o pudera curar, veio a Jesus... (QUANDO ALGUÉM FALA, SANTA PÁRA DE LER E OBSERVA)

ISA - (ENTRE SOLUÇOS, BEM DÉBIL) Eu preciso... preciso... Juro, eu estou fria, deprimida... Preciso de um pico...

DOUTOR - (PAUSADA, MELANCÓLICA) A agulha... corre todas. Vai fundo na veia. Por essas e outras... são muitas as mulheres roxas... Eu... e tu também... ela... e ela... roxas... A agulha às vezes sai do braço de uma... às vezes sai gotejando sangue... e já vai direto e fundo na veia da outra. Todas... com a

roxa... A agulha numa... depois na outra... depois na outra... Uma a uma... a roxa aparece. Numa... na outra. Uma a uma. A roxa... aparece. Numa... na outra. Questão de esperar. Esperar. A roxa vai chegar. Pra mim... E pra tu também... Uma a uma... Todas... sem defesa...

ISA - Li. Li. Li.

LINDA - (TERNA) O que é, Isinha?

ISA - Li, eu preciso. Juro, Li. Preciso mesmo. Me arruma o pico, Li. Me arruma. Eu te dou gostoso. Juro. Dou. Juro que dou. Só pra ti. Tu sabe que te dou... mas me arruma o pico. Preciso, bem... Preciso...

LINDA - (ENCARA AS OUTRAS MEIO ENCABULADA) Tão vendo? Ela precisa. Olha, gente, ela tá caída. Precisa. Ela é dependente, sabem? Sabem? É como o ar... alimento... É tudo. (PAUSA. NINGUÉM SE MEXE. LINDA CRESCE) Pelo amor de Deus! Não podem negar. Ela precisa. Não tá com a roxa. Mas se tiver, não pode ficar em falta. Não pode. (MAIS NERVOSA) Eu tô pedindo. Implorando. Pelo amor de Deus, Doutor. A Isa precisa do pico. Passa pra cá a agulha. Passa, anda.

(PAUSA TENSA. LINDA ESTENDE A MÃO, DOUTOR ENTREGA SERINGA, AGULHA, FRASCO)

TITA - Pera aí. Se a cadelinha tá com a roxa e essa praga passa no sangue, ela não pode se servir com a nossa agulha.

DOUTOR - Deixa andar, Titinha. Agora é tarde. Muito tarde pra nós todas. (LINDA APLICA INJEÇÃO NA ISA, QUE SE ALIVIA)

LINDA - (PARA AS OUTRAS) Ela não tem nada. Não tem. Eu sei que não tem. Eu não tenho medo. Olhem. Podem olhar. Ela não tem roxa nenhuma. Olha, Doutor. (LINDA INJETA AGULHA NA PRÓPRIA VEIA)

LINDA - Viram? Não tenho medo... Querem ver mais?

(LINDA COMEÇA A BEIJAR, CHUPAR, BOLINAR, ROÇAR A ISA. LOUCURA. DESESPERO. PAIXÃO INFLAMADA. A ISA ESTÁ INDIFERENTE. DISTANTE. MEIO BOBA. A PROFESSORA SE ABRAÇA NA TITA PELA FRENTE. ESCONDE O ROSTO PRA NÃO VER. A DOUTOR ABRAÇA A TITA POR TRÁS, TAMBÉM ESCONDE O ROSTO PRA NÃO VER O AMOR DE LINDA E ISA. NO ABRAÇO DA PROFESSORA E DOUTOR COM A TITA, HÁ ALGO DE SEXO MISTURADO COM PAVOR. A SANTA PÁRA DE LER A BÍBLIA E VAI FICANDO FASCINADA PELA CENA DE AMOR. LINDA DERRUBA ISA E AS DUAS ROLAM PELO CHÃO ENVOLVIDAS. A SANTA VAI SE EXCITANDO CADA VEZ MAIS, ATÉ QUE, COMO LOUCA, CORRE PRA PORTA DO XADREZ)

SANTA - (BERRANDO DESESPERADA) Socorro! Socorro! A mancha roxa! Socorro! Mancha roxa no xadrez três! Apareceu a roxa. Apareceu no xadrez três. No especial. No três. Apareceu a roxa. Socorro! Socorro!

(SANTA COMEÇA A BATER CANECAS E A GRITAR. DOUTOR, TITA, PROFESSORA, COMO LOUCAS, TAMBÉM BATEM CANECAS E GRITAM. LINDA E SANTA, COMO FERAS, ROLAM PELO CHÃO)

SANTA - Socorro! Socorro! Roxa no xadrez três.

PROFESSORA - É a roxa! É a roxa! A roxa apareceu no três.

DOUTOR - Tamos com a roxa. No três. É a roxa!

TITA - Mancha roxa! Roxa! Roxa! Roxa!

(TEM INÍCIO TREMENDO BARULHÃO VINDO DE FORA DE CENA. SÃO GRITOS DE PAVOR, PEDIDOS DE SOCORRO, BATIDAS DE LATA. ALGAZARRA TOTAL. NO MOMENTO DE MAIOR AGITAÇÃO, ESCUTA-SE O FERROLHO CORRER E A VOZ DE COMANDO FORA DE CENA. É A GRELÃO QUE SE APROXIMA)

GRELÃO - (FORA) Parem com isso, putada! Parem ou vou comer o cu duma com o cacetete. Vagabundas! Filhas de cadelas morféticas! Parem com essa barulheira. Vamos! (TUDO VOLTA AO NORMAL. SILÊNCIO. PAUSA) (FORA) Onde começou essa bagunça? (PAUSA) Onde? Pelo caralho! Engoliram a língua? Vou perguntar só mais uma vez. Se não tiver resposta, arranco uma da cela e penduro no pau-de-arara. Aí vamos ver se fala ou não fala. (PAUSA) Onde começou a baderna?

SANTA - Aqui. No três.

GRELÃO - (FORA) Logo no três. (APARECE NA PORTA. VÊ LINDA E ISA TRANSANDO E RI MUITO) Mas que filha da puta essa Linda! Não dá uma folga pra cadelinha dela. (RI) Por que a bagunça? Nunca viram uma transa?

SANTA - (NERVOSA) A roxa. A roxa. Apareceu a roxa.

GRELÃO - Pelo caralho! Quem foi a filha da puta que pegou a roxa? Quem foi? (PAUSA) Quem pegou a roxa? Quem?

SANTA - (VACILANTE) Apareceu... na Isa.

(LINDA e ISA ESTÃO ENVOLVIDAS MAS JÁ ACABARAM DE TRANSAR)

GRELÃO - . É mesmo, Doutor?

DOUTOR - É.

GRELÃO - Porra, e nem assim essa cachorrona escrota dá folga pra cadelinha? Filha da puta! Ó Lindão! Se explica, cachorrona nojenta! Que porra de roxa pegou tua fêmea?

LINDA - (SENTANDO-SE) É mentira, Grelão. Mentira. Nem tem roxa nenhuma. Nunca fudi tão gostoso. A Isa é um tesão.

GRELÃO - (RINDO) Tu é foda, Lindão. Tu se agarra mesmo.

LINDA - Que posso fazer? Cada dia a Isa fica mais tesudinha. Não tem roxa nenhuma aqui. Tu sabe que sou tua camarada. Não esqueço. Se não fosse tu ser minha amiga, eu não tava aqui na especial. Não tenho direito. Não esqueço que tu é que me deu essa força. Então, pode crer, se tivesse roxa, eu era a primeira a te botar por dentro do assunto.

GRELÃO - Então como pintou essa bagunça toda? Como saiu esse negócio de roxa?

LINDA - Armação de cachorrona enjeitada. Mas não tem roxa. Vai dormir teu sono. Vai dormir que tu ganha mais.

GRELÃO - E tava ralando uma cadelinha que chegou hoje. Carne fresca. Puta que pariu! Não dão sossego.

LINDA - Vai lá. Com tudo. (PAUSA)

GRELÃO - (RINDO) Quer dizer que as cachorronas todas se tratam com tua cadelinha, Lindão?

LINDA - Não inventa. A Isa é minha. Só minha. Não começa a arrumar intriga.

GRELÃO - (GARGALHANDO) A Doutor que disse que, se apareceu na cadelinha, vai aparecer nas outras. E se é assim, é porque tu é corna mansa.

LINDA - Olha aqui, Grelão. A Isa é minha, só minha. É que essa roxa pega pelo sangue, pela porra, pela merda. (PAUSA)

GRELÃO - (SÉRIA) Quer dizer que uma caga no penico da outra? É isso? Claro que não é. Então o que é?

DOUTOR - Pico.

GRELÃO - Filhas da puta! Vão me dar trabalho.

PROFESSORA - Essa praga pela no sangue, na porra, na merda.

DOUTOR - É isso aí.

TITA - Então, tu sentiu o drama, Grelão?

GRELÃO - Nojentas. Filhas da puta! Porcas! Estão todas empestiadas.

SANTA - (HISTÉRICA) Todas, não. Todas, não. Eu não. Eu não. Eu não sou depravada. Eu não. Eu não transo sexo. Não transo droga. Não bebo. Não! Eu não estou com a roxa. Não estou. A roxa não pode me pegar. Essa doença é coisa do diabo. Dá em gente depravada. Gente imunda. Elas vão morrer todas com essa roxa. Vão morrer podres. Vão apodrecendo aos poucos. A roxa apareceu na Isa. Logo está nas outras. Elas sabem. Elas vão ser roídas pela praga. É o fim dos ímpios. É o fim dos imundos. Os tempos são chegados. Elas debocham de mim. Da Bíblia. De Deus. Elas têm os corações duros. Não se arrependem dos crimes que praticaram. Muito pelo contrário. Uma fica aí contando seus crimes, como se fosse alguma coisa de que devessem se orgulhar. Quando transam droga, se empolgam contando que mataram. E o sexo? É a degeneração total. Uma faz papel de homem da outra. Blasfêmia! Num antro do pecado não pode nascer a virtude. No vício em que elas vivem, nasceu a roxa. Mas eu rezo. Leio a Bíblia. O senhor pastor me disse que se eu, no fundo do coração, me arrepender do crime que pratiquei, serei perdoada. Eu me arrependo. Matei meu marido. Ele dormia... Eu matei ele. (CHORA) Era... eu tinha ciúmes... Ele me desprezava. Matei. Me arrependo. Me confesso com o padre. Comungo. Rezo. O padre diz que quem se arrepende... não vai pro inferno... Aqui é o purgatório. Não nego. Matei meu marido. Eu amava ele. Amava demais. Eu tinha ciúmes. Ele dormia. O senhor espírita falou que eu vou encarnar de novo com ele. Como mãe, filha, esposa... na mesma família. Para ele me perdoar. Eu creio em Deus Pai. Creio em tudo que é sagrado. Me arrependo. Estou limpa. Não vou pegar doença. Não vou pegar roxa. Essa coisa do diabo. Me tire daqui. Me tire. Me tire, dona Grelão. Eu sou advogada, por isso estou nesta cela especial. Mas não posso ficar mais aqui com essas mulheres imundas. Elas são depravadas. Sujas. (PAUSA. ELA PERCEBE QUE AS OUTRAS ESTÃO HOSTIS) Essas... mulheres... coitadas... estão doentes. Estão com a roxa. Eu tenho medo delas. (PAUSA)

TITA - A roxa vai te pegar, piranha santa. Tu não é melhor do que ninguém. (RI) Tu vai ser roída até os ossos pela roxa.

SANTA - Não! Não! Meu Deus, não! Me tire daqui! Me tire daqui, dona Grela! Eu sou advogada. Eu tenho direitos. Me tire daqui. Faz essa caridade. Eu pago. Eu pago. Me coloca sozinha numa cela. Eu pago.

GRELÃO - Quanto tu pode pagar?

SANTA - Dez mil por mês. (PAUSA) Trinta. (PAUSA) Cinqüenta. Cinqüenta por mês. Minha família pode. Eles podem. Quero ir pra uma cela sozinha. Cinqüenta. Cinqüenta por mês.

(SANTA COMEÇA A CHORAR DESESPERADA)

GRELÃO - (GARGALHANDO) Estou começando a gostar. Essa roxa vai fazer chover na minha horta. (GARGALHA) Vai dar dinheiro. Já estou sentindo o cheiro da grana. (GARGALHA) Ia botar a cadelinha no isolamento, mas deixa ela aí. Levo a piranha Santa, que vai adiantar meu lado. (GARGALHA) Agora escuta, piranha Santa. Ninguém se faz de esperta comigo. Se tu faltar ao acerto... Pro teu bem, é melhor que não tenha furo. Tu não me engana com esse negócio de ler Bíblia a toda hora. Tu é tão filha da puta como qualquer uma. É pior. Traíra. Moitona. Matou o marido dormindo. Traíra mesmo. Mas cago e ando. Quero é os cinqüentinha. A vida anda custando os olhos da cara e eu preciso. Vou te tirar daí. Cinqüentinha faz milagre. Mas se tu falhar, teu cu vai pra reta. Tu vai ser a puta mais bagunçada do mundo. Vou te alugar dia e noite pra chupar pau de guarda e pra dar cu. Tá feito o trato? Cinqüenta por mês.

SANTA - Cinqüenta por mês. Mas me tira daqui já.

GRELÃO - (GARGALHANDO) Já, já. Porra, cinqüentinha por mês vai me ajudar. (GARGALHA) Eu mereço. Vamos embora. Pega a tua Bíblia e vem.

(SANTA VAI PEGAR A BÍBLIA, TITA NÃO DEIXA)

TITA - Fica mansa, piranha Santa. Tu não vai a lugar nenhum. Grelão, teus cinqüentinhas foram pras picas. A piranha Santa mudou de idéia. Vai ficar com a gente. Vai pagar cinqüentinha pelo cantinho dela. Sabe como é, Grelão, nós precisamos comprar droga. (RI) Não é, gente?

PROFESSORA - Tu é foda, Titinha. Cada vez te gosto mais.

(TODAS COMEÇAM A RIR)

GRELÃO - (DESCONFIADA) A roxa começou pela tu cabeça, Tita. Tu sabe que comigo tu não tem todo esse espaço.

TITA - Escuta bem, Grelão de merda. Acabou as regalias. Acabou. Não tem vantagem aqui.

GRELÃO - Olha quem fala. Tu não podia tar aí na especial. Tu não é formada em nada. É piranha. Putona. Cria da FEBEM. Batedora de carteira. Suadeira. Tu é que tá cheia de regalia. E eu que te dei esse boi. Dei porque tu foi minha cadelinha. Te rocei quando quis. Ainda te botei na roda. Lembra? Trezentos a chupada de pau e quinhentos a enfiada no teu cu. Cinco, seis guanacos por dia. Quando o cu virou panelão, te dispensei. E como não sou má, te deixei na especial. Lá no veneno, tua vida ia ser curta. Porque tu era minha cadelinha, achavam que tu era cagüeta. Te refresquei as idéias, Tita? Então se acanha. Senão, vou meter o cacetete no teu cu. Entendeu?

TITA - Presta atenção, Grelão. Sei que tu é burrona como a mãe do sarampo, mas só vou te dar um aviso. Só uma vez. Presta atenção. Mudou tudo, cadela velha. A roxa apareceu e as coisas mudaram. Tua força bruta não decide

mais as paradas. Tu não entra mais aqui no xadrez. Tu não vai torturar mais ninguém. Não vai roçar mais menina na valentona. Não vai alugar mais as mulheres pros guardas. Se tu quiser fazer um ganho extra, vai ter que levar recado de puta. Que pelo teu cuzão arrombado e peidão, ninguém vai pagar. Se tu peida no pau de um guarda, estoura o saco do filho da puta. E teu bocão com mau hálito não serve pra chupar pau. Tás fudida, Grelão, acabou teu mando. Agora tu vai ficar na miúda. E a piranha Santa continua com a gente.

GRELÃO - Eu ia deixar a roxa acabar contigo. Mas não deu condições. Vou te acabar de pancada.

TITA - Como tu é burrona. Não entendeu nada. Entra aqui.

GRELÃO - Agorinha.

TITA - (PUXA A NAVALHA) Tou te esperando.

GRELÃO - (GARGALHANDO) Que é? Tá se fiando nessa navalha?

TITA - Não. Não. (DÁ UM PONTAPÉ NA ISA) Levanta, cadelinha. Levanta. (ISA SE LEVANTA. TITA TORCE O BRAÇO DE ISA E A PUXA CONTRA SI) Se tu entrar aqui, Grelão, corto a cadelinha que está roxinha e te esguicho o sangue dela.

LINDA - Tu não vai fazer isso com a Isa.

PROFESSORA - Não se mete, Linda.

DOUTOR - Se manca, Linda.

TITA - Entra, burrona. Entra, Grelona. Cachorrona velha. Afinou? Vem, Grelão. Vem. Eu corto essa filha da puta de cadelinha podre e te dou um banho com o sangue empestiado. Vem. A roxa não ia ser um bom negócio pra ti, cachorrona velha? Vem me pegar. Vem me bater. A roxa pega pelo sangue. Pela porra. Pela merda. (TITA RI MUITO. TODAS RIEM) Entra, Grelão. Vem pegar a Titinha. Vem, roçadeira de merda. Tu é um lixo, Grelão.

GRELÃO - Filha da puta! Nojenta! Covarde! Tu vai me pagar caro. Nem que seja a última coisa que eu faço na vida, eu vou te arrebentar, vou arrancar tuas tripas pelo cu. Tu não perde por esperar.

(TODAS RIEM. VAIAM A GRELÃO. XINGAM. GRITAM. CANTAM. DANÇAM)

TODAS - Grelão não é mais aquele, pau no cu dele! (QUANDO PARAM, GRELÃO SUMIU. AS MULHERES CAEM EXAUSTAS)

SANTA - E eu? E eu? E eu?

TITA - Volta pro teu canto. E lê a Bíblia quieta. Sem barulho. E eu escutar um "ai Jesus", vou enfiar a Bíblia inteira no teu bucetão sujo.

(TODAS RIEM. SANTA VOLTA PRO CANTO. ESTÁ ASSUSTADA. TODAS VÃO FICANDO QUIETAS, TRISTES)

PROFESSORA - (CANTANDO)
Muitas mulheres
Roxas
Com tetas caídas
Chupadas, sugadas, geladas
Roxas
Com as bundas caídas
Chupadas, sugadas, geladas
Roxas.
Podres, roxas
Debochadas, roxas
Flores roxas
Chagas, as chagas
De Jesus Cristo, roxas.
As que mais amaram
Jamais serão perdoadas.
Muitas mulheres
Roxas.
Essa é a história
A sina
A condenação
Das muitas
Mulheres roxas.

(ISA COMEÇA A CHORAR)

LINDA - Que é, Isinha?

ISA - Li... Eu não quero morrer. Estou roxa. Vou morrer?

LINDA - (PRA PROFESSORA) Professora, o que posso dizer?

PROFESSORA - Diz... diz que ninguém vai ficar pra semente. Que quem nasce morre. E que tanto faz morrer de uma coisa ou de outra.

LINDA - Escutou, Isa? A Professora é professora. Ela sabe. Todo mundo morre. Morre disso ou daquilo. Morre. Morre. Uns disso, outros daquilo. Assim que é.

ISA - É... Mas morrer de roxa é feio.

TITA - Feio por quê? Morreu, morreu.

ISA - De roxa... Morrer de roxa é feio. (CHORA) A família não quer saber da gente... Tem vergonha do cadáver da gente... Eu sei... Tinha um rapaz, ele era viado... pegou roxa... morreu. O pai dele não foi no enterro.

PROFESSORA - Não esquenta, Isa. Os próprios filhos da puta que tomam conta disso aqui, diretor, juiz, promotor, todos que socaram a gente aqui dentro, todos vão inventar uma história pra esconder que estamos morrendo de roxa aqui dentro.

ISA - Será?

PROFESSORA - Eles odeiam escândalo. Vão inventar uma história pra livrar a cara deles.

(PAUSA)

ISA - Mas eu não quero morrer.

LINDA - Todo mundo morre um dia.

ISA - Mas eu não quero morrer de roxa.

LINDA - Olha, Isa, quando eu ver que tu... está bem roxa... quando eu ver... (COMOVIDA) quando eu ver isso... eu te mato.

ISA - Tu jura, Li? (PAUSA) Jura? Jura por Deus?

LINDA - (CHORANDO) Juro, Isa. (PAUSA) Juro por tudo que é sagrado.

(AS DUAS SE ABRAÇAM CHORANDO)

PROFESSORA - (VENDO A PERNA DE TITA ESTICADA) Porra, Titinha. Olha tua canela. Tá roxa.

TITA - Onde? (TODAS OLHAM)

TITA - Que merda!

DOUTOR - Mais uma com a roxa.

TITA - Epa! Vira a boca pra lá.

DOUTOR - Eu já estava esperando.

TITA - Por que em mim?

DOUTOR - Podia ser em qualquer uma de nós. Mas que ia pintar, não tinha dúvida.

TITA - Olha bem, Doutor. Sem afobação. Na canela pode ser uma batida.

LINDA - Sou mais a roxa. Quer valer uma grana?

TITA - Vai te fuder!

LINDA - Pimenta no cu dos outros é refresco. Quis pegar a Isa de porrada porque ela estava com a roxa e agora tu também tá. Tá fudida. Fudidinha. Roxa. Roxinha.

TITA - Taí: Foi quando chutei a cadelinha que bati a canela. Na hora não liguei. Mas roxiou.

LINDA - Roxiou nada. É a roxa. Pode crer. (RI)

TITA - Vai rir da corna da tua mãe.

DOUTOR - Calma, Tita. Vem cá. Tira a roupa.

TITA - Pra quê?

PROFESSORA - Tira a roupa, Tita. É pra conferir. (TITA VACILA)

LINDA - Tá com medo, Tita?

TITA - É foda.

(TITA TIRA A ROUPA. TODAS EXAMINAM)

DOUTOR - Tá cheia de roxa nas costas.

PROFESSORA - Olha na coxa. Perto da buceta.

LINDA - Tá mais roxa do que a Isa. Vai morrer primeiro.

DOUTOR - Se deu nela...

PROFESSORA - Vou ver em mim.

DOUTOR - E eu em mim. Vamos, Linda. Se mexe. Todas nuas.

(AS MULHERES TIRAM A ROUPA. UMA EXAMINA A OUTRA)

DOUTOR - Tu tá toda manchada, Professora.

PROFESSORA - Olha tu, então. Olha a Linda. Cada mancha enorme nas costas.

(LUZ VAI FICANDO ROXA AOS POUCOS)

LINDA - (MEIO TRIUNFANTE) Viu, Isinha? A roxa pegou todas. Todas nós estamos roxas. (RI)

(TODAS FICAM MUITO AFLITAS)

DOUTOR - Roxa. Roxa. Tem mais aqui. Roxa.

TITA - Tou toda roxa. Todinha roxa.

PROFESSORA - A roxa tá aumentando. Tou com febre.

DOUTOR - Eu também estou fervendo.

LINDA - Febre me dá mais tesão ainda. Tou ficando tarada. Taradona. Taradona. Puta tesão.

(LINDA PASSA A MÃO NA BUCETA. A LUZ VAI FICANDO MAIS ROXA, MENOS NO CANTO ONDE ESTÁ A SANTA)

TODAS - Tamos roxas! Roxas! Roxas! Todinhas roxas!

(RIEM NERVOSAS. SE COÇAM AFLITAS, DESESPERADAS, HISTÉRICAS, COMO SE TENTASSEM RASGAR A CARNE AO SE COÇAREM. DE REPENTE, COMEÇAM A CHORAR. SE ABRAÇAM)

TITA - Meu Deus, o que aconteceu comigo? Tou roxa. Roxinha. Essa mancha arde. Queima. Fede. Estou podre. Podre. Podre.

PROFESSORA - É preciso coragem.

DOUTOR - Estamos todas podres.

PROFESSORA - (OLHANDO PARA A SANTA) Menos uma. (TODAS OLHAR PRA SANTA)

SANTA - Eu, não! Eu, não! (APAVORADA) Eu vou pagar. Cinqüenta. Mas... combinamos. Não cheguem perto de mim.

(PAUSA LONGA. PROFESSORA RELAXA E SENTA-SE NO MEIO DO PALCO. UMA A UMA ELAS VÃO SE SENTANDO AO LADO DA PROFESSORA. DESÂNIMO GERAL)

TITA - Puta desgraça. Quando eu penso que cheguei no fundo do poço, ainda tem mais.

DOUTOR - Essas coisas, a gente nunca acredita que vão acontecer com a gente. E de repente aparece na gente. Olha eu: roxa. Roxinha. Sem saber o que fazer. Não cura. Não tem remédio.

PROFESSORA - Nós vamos sentar aqui quietinhas e ficar esperando a morte? (PAUSA) Perguntei. Vamos ficar sentadinhas aqui esperando a morte?

(ISA COMEÇA A CHORAR)

PROFESSORA - Vamos esperar a morte? Quietas? Como anjos? Conformadas?

DOUTOR - O que podemos fazer?

TITA - O quê? (PAUSA)

PROFESSORA - É... O que se pode fazer? (PAUSA) Eu era de acreditar. (PAUSA) Professora de História. (FALA DE SI MESMA) Participante. Tava em todas. Movimento de periferia. Movimentos dos professores. Companheiros. Casei com um companheiro. Colega. Logo ele perdeu o emprego ou largou, porque não podia dar aula pressionado pelo sistema. Se danou a beber. Eu trabalhava. Dava aula em colégio, em faculdade, de manhã, de tarde, de noite. Meu marido chegava sempre bêbado. Roubava meu dinheiro pra beber. Me batia. Xingava. Ameaçava de me matar se eu largasse ele. Era uma merda de vida. Eu era nova. Bonita. Com um puta tesão e tendo que dormir com um garrafão de álcool toda noite. Juro. Eu era de acreditar nas lutas de libertação. Militante política. Mas aquela situação me derrubou. Perdi o ânimo. Tinha vergonha dos companheiros. Eu não podia lutar contra a tirania, instigar a massa pra luta de libertação coletiva, se no plano particular... Trabalhava. Trabalhava. Trabalhava. Era uma máquina de dar aula. Cuspi o currículo em cima dos alunos. Uma merda. Uma merca. Eu só não era um robozão porque tinha buceta. Tinha tesão. Um cantava, outro cantava, outro e outro. Eu tinha medo. Meu marido ficava cada vez mais violento, ciumento, ameaçador. Mas um dia, sei lá, dei pra um. Quase três anos sem trepar. Reprimida. Soltei. Dei. Dei. Gamei. Ele dizia: e essa situação? Esse corno bêbado, ele passou da conta; se é violento tem que morrer. Tiraniza sua vida... Tem que morrer. Os grandes e pequenos tiranos têm que morrer. Não é nisso que tu acreditava? Era. Era nisso que eu acreditava. Sempre acreditei. Então ele tramou... quando o corno estiver dormindo, tu abre a porta, eu mato ele, te amarro, levo a televisão, o liqüidificador, como se fosse um assalto. Ele se fode. A gente fica na boa. Ele vendeu a televisão pra um filho da puta que foi preso e entregou meu querido amante. O bundão me entregou: Foi ela. Tramou, me induziu, e tal e tal... Resultado: olha eu aqui com a roxa. Sentada quieta esperando a morte chegar. (PAUSA)

TITA - Tem alguma outra coisa que se pode fazer?

LINDA - O nó é esse. O que se pode fazer?

PROFESSORA - Tem que poder fazer alguma coisa.

DOUTOR - Sim, mas o quê?

PROFESSORA - (RACIOCINANDO) Eu matei um cara, me prenderam, me julgaram, me socaram aqui dentro. Mas eu estava limpa, com saúde. Limpinha. Eu, aqui dentro, estou sob tutela do Estado. O Estado é responsável por mim. Pela Isa. Pela Linda. Pela Tita. Por você, Doutor. Pela Santa. Se eu fiquei com a roxa, eles têm que me tratar. Têm que me deixar limpa. Têm que me limpar e me devolver limpa pro convívio social. É isso. É obrigação do Estado. Têm que me livrar da roxa.

DOUTOR - Mas não há cura pra roxa.

PROFESSORA - Foda-se! Vou berrar. Exigir. Cobrar. Perturbar. Mostrar a injustiça que fazem com a gente. Pra acreditar que minha vida valeu, pra acreditar que apesar de tudo valeu matar o homem que me sufocava. Eu tenho que continuar a lugar contra o sufoco. Eu não posso ficar aqui sentada, bem comportada, quieta, esperando a roxa me roer até os ossos. Vou berrar.

DOUTOR - Não adianta.

PROFESSORA - É berrando que vamos ver se adianta. (COMO LOUCA, CORRE PRA GRADE) Eu estou com a roxa. Eu estou com a roxa! Entrei limpa. Tenho que sair limpa. Limpinha. Promotor, juiz, quem me mandou pra cá tem que exigir meu tratamento. Canalhas! Eu estou doente. Doente. Mas vim pra cá boa. O Estado, o Estado, o Estado é responsável por mim. O Estado tem que me curar. Eu quero minha saúde. Quero minha vida. O Estado é culpado. O Estado é culpado. O Estado é culpado. (VAI PERDENDO O ÂNIMO) O Estado. O Estado... O Estado...

(PAUSA. SILÊNCIO)

PROFESSORA - (VIRANDO-SE LENTAMENTE PARA AS OUTRAS) Ninguém ouviu. O Estado é surdo. Os promotores, os juizes, os políticos são todos surdos. O Governador é surdo. Todos são surdos.

(PAUSA. SILÊNCIO)

DOUTOR - Não adianta gritar. Ninguém vai escutar.

TITA - Perdemos a voz.

PROFESSORA - É isso. Estamos tão amesquinhadas, que não temos mais voz pra protestar contra as injustiças.

TITA - A voz roxa. Ninguém ouve a voz roxa.

(PAUSA)

PROFESSORA - Quando a voz que berra de dor não tem resposta... é justa a cólera.

(PAUSA)

Biblioteca da UNIRIO - Banco de Peças Teatrais

PROFESSORA - (CANTANDO)
Muitas mulheres roxas
No fígado, nos rins, no martírio
Roxas dilaceradas
Obscuras roxas
Carnes podres
Almas debilitadas
Podres roxas
Suplicam piedade
Mas nenhuma consolação
Nenhuma responderá.
Não é tempo de misericórdia.
Tempo, tempo
Da florada roxa.
Muitas mulheres roxas
Nada do que amaram era belo
Ninguém mais deseja
As carnes podres
Podres, roxas
Mancha roxa
Melhor
Pra muitas mulheres roxas
É mais fácil morrer
Quando não há o que esquecer.

(PAUSA)

PROFESSORA - Estamos todas roxas. Irremediavelmente roxas. Estamos a caminho da podridão definitiva. Ninguém ouve nosso grito de dor. A indiferença total da sociedade é degradante. É justo isso, Tita? É justo, Doutor? É justo, Isa?

ISA - Não. Não é justo. Não é.

PROFESSORA - Mas o vento que venta pra cá, venta pra lá. Como se pega a roxa, Doutor?

DOUTOR - Pelo sangue, pela porra, pela merda.

TITA - Pelo sangue, pela porra, pela merda

LINDA - Pelo sangue, pela porra, pela merda

PROFESSORA - É isso. Pelo sangue, pela porra, pela merda. (PAUSA) O que quero dizer é que vamos morrer mesmo.

ISA - (CHORANDO) Eu não quero morrer.

PROFESSORA - Pára com isso, cadelinha. Tu já morreu. Quando meteram a gente aqui nos mataram. Mas esse é o tempo. As mortas vão sair do túmulo. Grandes

fantasmas roxos vão atormentar as horas da noite e do dia dessa gente que é indiferente à nossa dor. Vamos mandar a roxa pegar um por um. Vamos assombrar eles. Um por um, vão se apavorar. Diante da roxa. Na buceta da mulher amada. No ralado do amante. No frasco de droga. Na transfusão de sangue. Na privada, em todo canto, eles vão ver a roxa. Nunca foram felizes. Agora não terão prazer. (RI) É o troco. Eles nos socaram aqui dentro. Por crimes que nos forçaram a praticar. Agora é a volta. Vamos empestiar o mundo. Cada roxa faz mil. Cada uma, mil. Cada uma, mil. Cada uma, mil.

TITA - Mas, como?

PROFESSORA - Tita, isso aqui é xadrez especial. Tu não pode estar aqui. Não tem curso superior. Nem tu, nem a Lindona. Estão com a gente por armação do Grelão. A gente faz onda pra tirar tu e a Linda daqui. Ninguém fala da roxa. Aí, tu e a Linda em outro xadrez... Sentiu? Cada uma, mil... Passa nas outras. Passam pros guardas. Pras famílias no dia de visita. Pros amantes. Pros filhos. Pros vizinhos. Cada uma que pega a roxa faz mil. A Doutor já está no fim da pena. Volta pra um hospital. Mete no sangue. Mete no remédio. Dá pros médicos. Roça as outras enfermeiras. Dá o alô. Cada uma, mil, Vamos crescer em cima deles. Provocamos os guardas. Fazemos rebelião. Eles vêm com a metranca. Nós jogamos merda neles. Pra cada tiro, um punhado de merda. Merda roxa. De cada buraco de bala, uma fonte de sangue roxo. Vamos nessa! Cada uma, mil.

LINDA - E a Isa? A Isa... ela vai comigo pro outro xadrez?

PROFESSORA - Ela tem direito de ficar no especial.

ISA - Eu fiz Psicologia.

LINDA - Mas eu... ela...

(LINDA E ISA SE ABRAÇAM)

PROFESSORA - Sinto muito, Linda. Mas é guerra. Vamos em cima dessa canalha. Vamos jogar a neles.

TITA - Vão enlouquecer.

PROFESSORA - Vai ser a loucura roxa.

DOUTOR - Ninguém vai escapar. A roxa pega um por um.

PROFESSORA - Não quiseram entender por consciência. Ficaram surdos, omissos ao nosso problema. Vão aprender pela desgraça.

DOUTOR - (OLHANDO A SANTA) A religião?...

PROFESSORA - Não salvará ninguém. A religião da canalha é coisa de canalha. Papa, pastores, gurus, pais de santo, todos roxos, cagando as tripas roxas pelos altares e nenhum santo pra lhes valer.

(PAUSA. TODAS OLHAM PRA SANTA)

SANTA - (ADIVINHANDO) Não! Eu, não! Eu, não! Pelo amor de Deus, eu, não! Eu pago. Eu vou pagar. Eu...

PROFESSORA - Peguem ela.

(TODAS AGARRAM A SANTA, QUE SE DEBATE, GRITA)

PROFESSORA - (PRA ISA) Abre as pernas, cadelinha podre de roxa.

(ISA OBEDECE. AS OUTRAS ENFIAM A CARA DE SANTA NA BUCETA DE ISA. LUZ FICA ROXA TAMBÉM NO CANTO DA SANTA. TODAS RIEM. LOUCAS. QUANDO SOLTAM A SANTA, ELA VAI ENGATINHANDO PRA LATRINA. CHORA E VOMITA. TODAS BERRAM:)

TODAS - Pra cada uma, mil! Pra cada uma, mil! Pra cada uma, mil!

(PROFESSORA PUXA A CABEÇA DE SANTA E A PÕE DE PÉ)

TITA - Então, Santa?

(PAUSA)

SANTA - (MURMURANDO) Pra cada uma, mil...

(TODAS BERRAM DE ALEGRIA)

TITA - Vamos passar a roxa pras outras celas.

(LUZ ROXA VAI SAINDO PELA JANELA DA GRADE. AS MULHERES GRITAM ALUCINADAS. OUVEM-SE GRITOS FORA DE CENA:)

FORA DE CENA- Tem roxa no xadrez cinco!

TODAS - Pra cada uma, mil!

FORA DE CENA- Roxa no xadrez um!

(TODAS GRITAM. ESSE BERREIRO VAI FICANDO ALUCINANTE, INFERNAL. DE REPENTE, PÁRA TODO O BARULHO E ENTRA MÚSICA SUAVE. AS MULHERES COMEÇAM A DANÇAR,

SOZINHAS, SENSUAIS AO MÁXIMO. E VÃO REPETINDO: Pra cada uma, mil. COM TESÃO. APANHAM LANTERNAS E VÃO PRA BOCA DE CENA. FAZEM GESTOS DE SEDUÇÃO, BEM OBSCENOS; MOSTRAM LÍNGUA PORNOGRAFICAMENTE, ESFREGAM A BUCETA, ETC., E VÃO MURMURANDO:)

TODAS - Eu chupo. Dou cu. Transo mulher, homem. Homem e mulher. Chupo. Dou cu. Roço. Faço tudo. Tudo. Quer? Vem. Dou. Dou tudo.

Texto digitado por Malke Adler em dezembro de 2002.